

Entre a Obrigação e o Prazer de Criar: uma análise psicodinâmica do prazer-sofrimento no trabalho artístico

Monique Nascimento (UFSC) - moniquenn@gmail.com

Resumo:

A consolidação da noção de economia como um sinônimo para o mercado autorregulado (POLANYI, 2000) fez com que lhe fossem subordinadas todas as formas de manifestação humana, e com a produção da área da cultura não foi diferente (BRANT, 2009). Nesse sentido, pode-se afirmar que a atividade artística não permaneceu imune a unidimensionalidade do sistema social contemporâneo, como diria Ramos (1989) ou Braga (2015). Nas representações atuais, o artista é considerado como um possível trabalhador do futuro, uma figura excepcional, criativa, um empreendedor, intrinsecamente motivado, e mais exposto aos riscos de concorrência interindividual e às novas inseguranças das trajetórias profissionais (MENGER, 2005; TRANSFORM, 2008; LOACKER, 2013; BRAGA, 2015). Condições que revelam a importância de se trazer à tona a discussão a respeito do prazer e sofrimento no trabalho artístico, discussão esta, que pode emergir e ser embasada por intermédio da psicodinâmica do trabalho. Assim, pretende-se analisar as vivências de prazer-sofrimento de trabalhadores artistas atuando na Grande Florianópolis, considerando a aproximação de suas atividades com a economia de mercado.

Palavras-chave: *Cultura. Trabalho Artístico. Psicodinâmica do trabalho.*

Área temática: *GT-06 Diálogos sobre o Trabalho*

SUBMISSÃO DO TRABALHO EM CONSTRUÇÃO – GT 06

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A consolidação da noção de economia como um sinônimo para o mercado autorregulado (POLANYI, 2000) fez com que lhe fossem subordinadas todas as formas de manifestação humana, e com a cultura não foi diferente (BRANT, 2009). Em um ambiente neoliberal, em que o mercado têm ocupado posição central (POLANYI, 2000; RAMOS, 1989), tanto o setor cultural quanto as organizações culturais, passam a incorporar valores compatíveis com a lógica mercantil (GAMEIRO *et al.*, 2003; MENEZES, *et al.*, 2003).

Tal fenômeno tem sido discutido por pesquisadores por diferentes prismas, alguns o discutem a partir da mercantilização ou da teoria institucional, outros o abordam a partir da perspectiva de Solè a respeito da empresarização (RODRIGUES; SILVA; DELLAGNELO, 2014). Apesar de diferentes prismas poderem ser utilizados para a interpretação do fenômeno anteriormente descrito, pode-se observar predomínio de algumas inquietações comuns, entre quais destacam-se: a absorção de características mercadológicas pelo setor cultural, e as consequências dessa absorção por um setor com lógica de existência tão distinta.

Assim como o setor cultural, a atividade artística não permaneceu imune a unidimensionalidade do mercado (RAMOS, 1989; BRAGA, 2015). Em trabalhos desenvolvidos nas duas últimas décadas (MENGER, 2001, 2002; TRANSFORM, 2008; LOACKER, 2013; BRAGA, 2015; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE; GONDIM, 2016), pode-se vislumbrar uma série de mudanças que tiveram um relevante impacto na forma de fazer cultura, e também nas identidades dos que nela trabalham.

Apesar de o trabalho artístico abrigar um número relevante de trabalhadores, no último século, os estudos organizacionais, não parecem ter se voltado ao que acontecia nos domínios trabalhistas fora das organizações formais (BENDASSOLLI, 2009). Pouca atenção foi dada àqueles setores situados às margens do trabalho do tipo industrial ou pós-industrial, principalmente no que diz respeito a sua capacidade para criação de empregos e condições de trabalho (THROSBY, 2001; BENDASSOLLI, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2012).

Em circunstâncias em que inúmeros países têm enfrentado o aumento do desemprego estrutural (THROSBY, 2001b), e que recentemente a cultura passou a ser vislumbrada como vetor de desenvolvimento econômico (THROSBY, 2001b; MENGER, 2001, 2002, 2005; BENHAMOU, 2007; BENDASSOLI, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2012; LOACKER, 2013), tem emergido nos últimos anos, um interesse no setor cultural, de maneira especial, em seu potencial para geração de emprego.

No entanto, o quadro analítico para a concepção de um retrato do artista enquanto trabalhador, frequentemente é transpassado por desafios teóricos e metodológicos que relacionam esse tipo de atividade, à genialidade, ao prazer, ao lazer, ao ócio (CERQUEIRA, 2015). Tal perspectiva de análise insiste no caráter extra econômico da atividade artística, em que a arte é vislumbrada como inspiração pura e a atividade artística é contemplada romanticamente como forma idealmente desejável de trabalho (ANTUNES, 2003; MENGER, 2005; TRANSFORM, 2008; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; HOPE; RICHARDS, 2015; CERQUEIRA, 2015).

Assim, o trabalho artístico é concebido por muitos como um modelo de trabalho não alienado, por intermédio do qual, o sujeito se realiza na plenitude de sua liberdade (MARX, 2004; MENGER, 2005; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; CERQUEIRA, 2015). Em consonância com Antunes (2003, p. 88-89), a concepção romantizada e utópica do trabalho artístico, “acaba desconsiderando a dimensão totalizante e abrangente do capital, que engloba desde a esfera de produção até o consumo, desde o plano da materialidade ao mundo das idealidades”. Diante de tais pressupostos, presume-se que a ideologia utópica e romântica do trabalho artístico mascara a existência de aspectos reais de uma carreira (ANTUNES, 2003; MENGER, 2005; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; HOPE; RICHARDS, 2015; CERQUEIRA, 2015), visto que as análises a respeito do trabalho na esfera artística tendem a privilegiar a obra artística enquanto criação estética, em detrimento do processo de trabalho que a elaborou (MENDES, 2005; CERQUEIRA, 2015).

Observa-se que a atividade artística, seja ela qual for (música, literatura, teatro, dança, pintura), apresenta uma dupla face, “o lado encantador do aprofundamento e da realização de si mesmo, mas também o lado sombrio da concorrência, das diferenças espetaculares do sucesso, bem como das desigualdades que produzem essas diferenças” (MENGER, 2005, p.8). Em uma sociedade centrada no mercado que tende a valorizar a criatividade em nome da inovação, o trabalho de criação tem ganhado cada vez maior pertinência (MENGER, 2005). Uma parte relevante das teorias desenvolvidas atualmente sobre produção tem sido amparada, principalmente, na relevância concedida aos bens simbólicos, e nas dimensões consideradas imateriais de acumulação, incluindo-se aqui, atividades relacionadas à cultura e mais especificamente a arte (CERQUEIRA, 2015).

De maneira semelhante ao fato de que inúmeros estudos têm investigado a atividade artística de uma ótica romantizada (ANTUNES, 2003; MENGER, 2005; TRANSFORM, 2008; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; HOPE; RICHARDS, 2015; CERQUEIRA, 2015), as análises do modo de produção contemporâneo, incluindo-se a atividade artística, tem contemplado um aporte teórico que tem concedido lugar privilegiado ao trabalho imaterial (MENGER, 2005; LOACKER, 2013; CERQUEIRA, 2015).

Todavia, não são poucos os contrapontos argumentativos aos princípios teóricos da centralidade do trabalho imaterial, iniciando a partir da própria noção de imaterialidade (SILVA; FERREIRA, 2009; CERQUEIRA, 2015). O principal apontamento levantado é que o trabalho imaterial continuaria primordialmente material. Para Antunes (2009, p.130), o trabalho imaterial ao interagir com o mundo produtivo do trabalho material, acha-se aprisionado pelo “sistema de metabolismo social do capital”. Corroborando, Juliana Coli (2006, p. 240), elucida que na caracterização do trabalho artístico, apesar de que constantemente se produza um produto imaterial, tal produto imaterial assume características mercantis ao ser convertido em matéria concreta. Apesar de o artista ser dono de seu corpo, ou daquilo que utiliza para produzir sua arte, ainda assim, não possui inteiramente o domínio das condições objetivas do seu trabalho.

Diante disso, Cerqueira (2015, p.7) justifica que para que se entenda a dinâmica do trabalho artístico, deve-se investigar as condições objetivas e materiais de sua realização. Conforme a autora, a noção de imaterialidade pode estar impressa em produtos e serviços na esfera artística, mas nada pode esclarecer a respeito singularidades da razão material de sua efetivação. Para que se investigue de fato o processo de trabalho artístico é imprescindível que se localize “particularidades e ambiguidades na valorização, exploração, autonomia, intensificação e hibridação desse tipo de atividade”, no atual contexto econômico.

No que tange essas particularidades, pode-se afirmar que existe uma série de aspectos comuns ao trabalho artístico. Via de regra, são formas de emprego precarizados, trabalhos temporários – incluindo-se aqui, projetos ou contratos de trabalho com vários clientes ao mesmo tempo –, poucos benefícios trabalhistas, o tempo de trabalho e o tempo livre não possuem fronteiras definidas (MENGER, 2001; MENGER, 2002; MENGER, 2005; BENDASSOLLI, 2007; BENHAMOU, 2007; TRANSFORM, 2008; BENDASSOLLI, 2009; GILL; TAYLOR, 2013; LOACKER, 2013).

Os artistas geralmente são um grupo de trabalhadores, em média mais jovens do que a força de trabalho em geral, entre vinte e cinco e quarenta anos, concentram-se mais em áreas metropolitanas, apresentam taxas elevadas de auto emprego, maior taxa das mais variadas formas de subemprego, são mais frequentemente detentores de múltiplas atividades, e experimentam uma das maiores desigualdades e variabilidade de renda (MENGER, 2001; TRANSFORM, 2008).

Desta feita, o trabalho artístico é caracterizado pelo retrato de um laboratório de flexibilidade, em uma economia de incertezas (MENGER, 2005; BENHAMOU, 2007; CERQUEIRA, 2015) que propicia a aqueles que neles estão inseridos lançarem-se na hiperflexibilidade contratual (MENGER, 2005), sinônimo do trabalho em *freelance*, do emprego intermitente, tempo parcial e outras formas flexíveis de trabalho (MENGER, 2001; MENGER, 2002; MENGER, 2005; BENHAMOU, 2007; TRANSFORM, 2008; BENDASSOLLI, 2009; GILL; TAYLOR, 2013; LOACKER, 2013). A flexibilidade do trabalho artístico possibilita uma das condições da dita “perfeição concorrencial”, pois contrata-se e demite-se mediante as necessidades, sem barreiras à entrada ou à saída, e ainda, em muitos casos, com custo zero na demissão (MENGER, 2005).

Por certo, a esfera artística desenvolveu quase todas as formas flexíveis de emprego e modalidades de exercício do trabalho (desde o mais subordinado, até o mais autônomo), e todas as combinações de atividade (abrangendo, da pluriatividade imposta, do artista que financia sua atividade de vocação por intermédio de atividades de subsistência). Nesse sentido, há de se considerar irônico, que as artes que, desde há dois séculos, vinham cultivando uma oposição radical ao poderoso mercado, apareçam como pioneiras na experimentação da flexibilidade e da hiperflexibilidade (MENGER, 2005).

Nas representações atuais, o artista é considerado como um possível trabalhador do futuro, uma figura excepcional, criativo, móvel perante as hierarquias, um empreendedor, um empresário de si mesmo, intrinsecamente motivado, que vive em uma economia de incerteza, e mais exposto aos riscos de concorrência interindividual e às novas inseguranças das trajetórias profissionais (MENGER, 2005; TRANSFORM, 2008; LOACKER, 2013; BRAGA, 2015).

Destaca-se que a cultura, bem como as artes no geral, correspondem, por essência, a um campo da experiência humana que lida com valores simbólicos, e não necessariamente econômicos (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2015). Em uma sociedade centrada no mercado (RAMOS, 1989; POLANYI, 2002), cabe questionar se as artes se constituem uma esfera de trabalho diferente dos mundos de produção, ou se, pelo contrário, se o desenvolvimento das atividades artísticas obedece às mesmas regras econômicas, com alguns ajustes (MENGER, 2005).

Diante de tais fatos, Banks, Gill e Taylor (2013) referem que o debate a respeito das condições reais de trabalho artístico, tem sido ignorado na sociedade contemporânea. Os autores convidam pesquisadores a desenvolverem estudos com vistas à re-teorizar o trabalho artístico. De maneira semelhante, Bendassoli e Borges-Andrade (2012) convidam pesquisadores a desenvolverem reflexões sobre as tensões existentes entre a atividade artística e a economia. Condição que revela a importância de se trazer à tona a

discussão a respeito do prazer e sofrimento no trabalho artístico. Discussão esta, que pode emergir e ser embasada por intermédio da psicodinâmica do trabalho.

A psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica cuja epistemologia é de natureza crítica do trabalho (MENDES, 2007a; MERLO E MENDES, 2009), desenvolvida nos anos 1980, na França, cujo principal expoente é Cristophe Dejours (DEJOURS, 1999; MERLO, 2002; SELIGMANN-SILVA, 2004; MENDES, 2007a; DEJOURS *et al.*, 2014; MERLO; MENDES, 2009; DEJOURS, 2012a). Para a psicodinâmica do trabalho, a saúde no trabalho é uma construção mediada pela dinâmica intersubjetiva do reconhecimento, que ao conferir julgamento de utilidade, de beleza ao trabalho, possibilita a construção da identidade do trabalhador, considerada central para a obtenção da saúde psíquica (DEJOURS, 2012).

No que diz respeito às vivências de prazer-sofrimento, ressalta-se que para a psicodinâmica do trabalho, prazer e sofrimento são indissociáveis, o que significa que o trabalho pode tanto ser fonte de prazer quanto de sofrimento (MENDES; TAMAYO, 2001; MENDES; MULLER, 2013). O prazer-sofrimento entendidos pela psicodinâmica como o sentido do trabalho, estudados como um constructo único e dialético (MENDES, 2007b), e definidos por Ferreira e Mendes (2001, p.494) como “uma vivência subjetiva do próprio trabalhador, compartilhada coletivamente e influenciada pela atividade de trabalho”.

De tal forma, compreende-se que tanto o prazer quanto o sofrimento são resultados de uma combinação da história do sujeito e influenciados pela organização do trabalho. Pode-se considerar, como uma das mais significativas contribuições da psicodinâmica, a articulação entre as dimensões psíquicas – que envolve a busca pelo prazer e a evitação do sofrimento – e a dimensão coletiva do trabalhar (MENDES; MULLER, 2013). Destaca-se, que para a psicodinâmica do trabalho, tanto o prazer quanto o sofrimento são colocados em termos do coletivo de trabalho. Ou seja, tanto a experiência prazerosa, quanto penosa vivida no contexto de trabalho, são consideradas coletivamente.

Consoante ao que aqui foi apresentado, percebe-se a possibilidade de embasamento teórico e metodológico proporcionados pela psicodinâmica do trabalho para a investigação da influência do processo de mercantilização da cultura nas vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores do setor cultural.

Diante dos pressupostos anteriormente descritos, a problemática de estudo levantada foi: **Como se dão as vivências de prazer-sofrimento e contexto de trabalho artístico, tendo em vista o processo de mercantilização da cultura?**

1.1 OBJETIVOS

A fim de responder ao questionamento proposto, desenvolveram-se os objetivos geral e específicos, descritos a seguir.

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar e analisar as possíveis relações existentes entre o contexto de trabalho artístico, e vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores nele inseridos, tendo em vista o processo de mercantilização da cultura.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a organização do trabalho artístico;

- Identificar as fontes de prazer e sofrimento no trabalho artístico;
- Descrever as estratégias de defesa utilizadas para lidar com o sofrimento laboral no trabalho artístico;
- Analisar a mobilização subjetiva no trabalho artístico;
- Analisar as possíveis relações existentes entre o contexto de trabalho artístico e as vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores nele inseridos, considerando-se o processo de mercantilização da cultura.

2. METODOLOGIA

Neste tópico serão apresentadas os posicionamentos teóricos e epistemológicos, bem como os procedimentos metodológicos a que esta pesquisa se propõe. Porém, antes de se adentrar nas especificidades dos posicionamentos teóricos e epistemológicos, bem como nos procedimentos metodológicos, buscar-se-á elucidar a respeito do fenômeno empírico a ser investigado.

Como fenômeno de interesse, optou-se neste trabalho, por artistas da Grande Florianópolis, selecionados conforme alguns pressupostos. Um primeiro pressuposto para a seleção dos artistas abrangidos por este estudo é que eles atuem em áreas do setor cultural que estejam em consonância com as áreas abrangidas pela delimitação de economia da cultura, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (2015), e com núcleo do modelo composto de três círculos concêntricos, proposto por Throsby (2001b). Com base nos critérios anteriormente descritos, optou-se por fenômeno de estudo, artistas da Grande Florianópolis atuantes nas seguintes áreas: Música; Dança; Artes Visuais; Literatura; Teatro; Patrimônio Cultural; e Circo.

Outro pressuposto para a seleção dos artistas abrangidos por este estudo é o delineamento de um grupo de artistas a partir da satisfação de alguns aspectos, pois definir quem é um artista, ou segundo Throsby (2001b), quem pertence ao círculo concêntrico interno, é uma tarefa árdua, independente do área do setor cultural compreendida (KARTTUNEN, 1998; MENGER, 2002; BENDASSOLI, 2009). Tal como o termo cultura, o termo artista é considerado polissêmico e de difícil definição e operacionalização em pesquisas (WASSAIL; ALPER, 1985; JEFFRI; THROSBY, 1994; KARTTUNEN, 1998; THROSBY, 1996, 2001b; MENGER, 2002; BENDASSOLI, 2009).

Throsby (2001b) elucidada que o profissionalismo nas artes subsiste a um conjunto complexo de atributos, em que nenhum deles por si só pode ser condição suficiente para considerar a alguém um artista, e que nem todos são condições necessárias. Dessa forma, o autor sugere que o delineamento de um grupo de artistas profissionais deve depender da aplicação de um conjunto de critérios que podem exigir que o indivíduo satisfaça um ou mais dos seguintes pressupostos:

- Demonstrar evidência de aceitação pelos pares;
- Possuir qualificações educacionais adequadas e/ou ter um conjunto suficiente de experiência em atividades artísticas ao invés de treinamento formal;
- Gastar uma quantidade mínima de tempo no trabalho criativo durante um período determinado;
- Pertencer a um organismo de certificação;
- Ganhar certo nível de rendimentos advindo do trabalho artístico.

Desse modo, a delimitação dos artistas abrangidos por este estudo deve satisfazer pelo menos um dos pressupostos sugeridos por Throsby (2001b).

Com vistas a selecionar a base de participantes de artistas para este estudo, buscou-se localizar contatos de artistas, na internet, comunidades, sites, instituições, organizações, conforme os pressupostos anteriormente descritos. Após o estabelecimento de uma lista de potenciais participantes, realizou-se contato para verificar a existência de interesse para participar deste estudo.

De modo a delimitar o grupo de artistas participantes deste estudo, pretende-se aplicar um questionário elaborado com base nos pressupostos anteriormente descritos, com os potenciais participantes interessados em participar da pesquisa.

Após aplicação do questionário e delimitação do grupo de artistas participantes desta pesquisa, pretende-se utilizar os seguintes instrumentos para que o trabalho de campo seja realizado:

- Termo de consentimento livre e esclarecido, permitindo que os potenciais participantes confirmem seus interesses em participar da pesquisa e se tornem conscientes de seus direitos;
- Roteiros de entrevistas semiestruturadas – realizadas após delimitação do grupo de artistas –, em que serão tratados assuntos como a identificação dos artistas com seu trabalho, vivências de prazer-sofrimento inerentes ao trabalho artístico, mercantilização do setor cultural, e histórico profissional do artista.

No que concerne à perspectiva epistemológica e teórica, a abordagem desta pesquisa segue pressupostos baseados na psicodinâmica do trabalho. A metodologia da pesquisa em psicodinâmica do trabalho foi construída inicialmente com base em pressupostos da psicopatologia do trabalho e com certa influência da ergonomia (DEJOURS *et al.*, 2014). Em 1990, Dejours introduziu a clínica do trabalho como intimamente relacionada à pesquisa em psicodinâmica do trabalho (MENDES, 2007b; MENDES; ARAÚJO, 2012). A clínica do trabalho é uma maneira de colocar o trabalho em análise,

é um processo de revelação e tradução dos seus aspectos visíveis e invisíveis, que expressam uma dinâmica particular, inserida numa intersubjetividade própria a cada contexto, e que permite o acesso aos modos de subjetivação, às vivências de prazer-sofrimento, às mediações e ao processo saúde-adoecimento” (MENDES, 2007b, p.65).

Do ponto de vista epistemológico, a psicodinâmica do trabalho é uma teoria de natureza crítica do trabalho (MENDES, 2007a; MERLO E MENDES, 2009), que compreende dimensões da construção-reconstrução das relações existentes entre sujeitos-trabalhadores e a realidade concreta de trabalho. Vislumbra articular a emancipação do sujeito do trabalho. Tece críticas ao trabalho prescrito, desestabiliza o que já está posto, e acaba por traduzir o trabalho a partir dos processos de subjetivação e vice-versa (MENDES, 2007a).

As especificidades da clínica psicodinâmica exigem uma qualificação teórico-metodológica, que seja capaz de articular a teoria social e do sujeito, a uma condução centrada na escuta do outro. O processo de fala-escuta implica em algo que vai além do falar-ouvir, requerendo, assim, que o pesquisador escute o não dito, o silenciado, o oculto (MENDES; ARAÚJO, 2012). Por intermédio desse processo, pode-se buscar, junto ao coletivo de trabalho revelar o que não é visível e construir estratégias que permitam a

ressignificação do sofrimento, um novo sentido ao trabalho e espaço para ações na organização do trabalho (MENDES, 2007b; MENDES; ARAÚJO, 2012).

A clínica do trabalho parte de algumas questões centrais. Importa para a clínica do trabalho o acesso ao invisível, apreender a prática do trabalho, o trabalho vivo, a mobilização para o fazer o engajamento da inteligência, do saber fazer e da subjetividade (MENDES, 2007c).

Na clínica do trabalho há o privilegiamento da fala, principalmente, a fala coletiva (MENDES, 2007b). Dessa forma, o método desenvolvido por Dejours, ocorre por intermédio de sessões coletivas (MENDES, 2007b; DEJOURS *et al.*, 2014), e é composto por três etapas distintas (MENDES; ARAÚJO, 2012; DEJOURS *et al.*, 2014). A primeira etapa é denominada de pré-pesquisa, podendo ser caracterizada pela análise da demanda. Já a segunda etapa, trata-se da pesquisa propriamente dita, ou seja, o momento em que são discutidas coletivamente as relações existentes entre a organização do trabalho e as vivências de prazer-sofrimento no trabalho. A terceira etapa consiste na validação dos resultados (MENDES; ARAÚJO, 2012; DEJOURS *et al.*, 2014).

Ressalta-se que apesar da psicodinâmica do trabalho privilegiar o método desenvolvido por Dejours, ela não permanece restrita a ele (MENDES, 2007c; MENDES; ARAÚJO, 2012). Algumas adaptações a proposta inicial devem ser efetuadas “para atender às especificidades das demandas do contexto sócio histórico e cultural” do país de realização da pesquisa (MENDES; ARAÚJO, 2012, p.43).

Desse modo, Mendes (2007b) propõe algumas variações e adaptações das técnicas de coleta de dados, que apesar de apresentarem diferenças da proposta inicial de Dejours, mantém os princípios centrais da psicodinâmica. Entre as técnicas de coletas de dados sugeridas por e Mendes (2007b) estão: entrevistas semiestruturadas abertas, que podem ser tanto individuais quanto coletivas; sessões coletivas com grupos de trabalhadores. No que tange a análise dos dados, as pesquisas em psicodinâmica possuem uma abordagem predominantemente qualitativa, apoiadas em seu arcabouço teórico (MERLO; MENDES, 2009).

Mendes e Araújo (2012), desenvolveram uma técnica denominada de Análise Clínica do Trabalho (ACT), para organizar os conteúdos das falas dos entrevistados, com base na qualidade e no significado do discurso. Na ACT, o conteúdo das verbalizações é analisado coletivamente, não sendo o sujeito, individualmente, objeto de atenções, mas sim o significado atribuído coletivamente ao trabalho. O conteúdo das verbalizações, deve ser analisado, ainda, considerando-se os paradoxos de linguagens e as contradições; as negações de percepções; se os assuntos tornam-se objetos de discussão ou ocultação; a inversão das proposições; as falhas e as faltas de comentários em relação ao tema principal. Nesse sentido, as falas devem ser analisadas de forma articulada (MENDES; ARAÚJO, 2012).

Com vistas a capturar os conteúdos da clínica do trabalho, Mendes e Araújo (2012) propõem que a ACT seja realizada em três etapas:

Etapa I – Análise dos Dispositivos Clínicos – Refere-se aos resultados da análise da demanda, os processos de elaboração e perlaboração, construção de laços afetivos, interpretação. Os dados obtidos nessa etapa advém do memorial e diário de campo;

Etapa II – Análise da Psicodinâmica do trabalho – Etapa correspondente aos três eixos de análise da psicodinâmica do trabalho, fomentada pela transcrição das sessões ou registro das falas;

- Eixo I – Organização do Trabalho – divisão de tarefas, normas e regras; exigências técnicas, tempos e ritmos, relações sócio profissionais, estilos de gestão, responsabilidade, e riscos;

- Eixo II – Mobilização Subjetiva – Inteligência Prática, Espaço de Discussão, Cooperação e Reconhecimento;
- Eixo III – Sofrimento, Defesas e Patologias – Sofrimento Criativo e Patogênico, Defesas (mecanismos e modos de manifestação), e Patologias.

Etapa III – Análise da Mobilização do Coletivo de trabalho – Destina-se a analisar a relação entre as vivências de prazer-sofrimento no trabalho e mobilização do coletivo para transformação de experiências originárias de patologias.

Salienta-se que este estudo não desenvolverá a Clínica do Trabalho em si, mas amparar-se-á em entrevistas semiestruturadas, utilizando-se da segunda etapa (Análise da Psicodinâmica do Trabalho) da ACT, para a interpretação dos dados.

3. CONCLUSÃO

Conforme outrora mencionado, no último século, pouca atenção fora dada àqueles setores situados às margens do trabalho do tipo industrial ou pós-industrial, principalmente no que diz respeito a sua capacidade para criação de empregos (THROSBY, 2001; BENDASSOLLI, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2012). Em circunstâncias em que inúmeros países têm enfrentado o aumento do desemprego estrutural (THROSBY, 2001b), e que recentemente a cultura passou a ser vislumbrada como vetor de desenvolvimento econômico (THROSBY, 2001b; MENGER, 2001, 2002, 2005; BENHAMOU, 2007; BENDASSOLI, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2012; LOACKER, 2013), tem emergido nos últimos anos, um interesse no setor cultural, de maneira especial, em seu potencial para geração de emprego.

No entanto, boa parte das análises que emergem a respeito do trabalho artístico, tratam-se de uma visão idealizada e romantizada que tende a mascarar a existência de aspectos reais de uma carreira (ANTUNES, 2003; MENGER, 2005; SENNETT, 2009; BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011; BANKS; GILL; TAYLOR, 2013; HOPE; RICHARDS, 2015; CERQUEIRA, 2015), e a servir a uma lógica neoliberal, na qual o artista é concebido como a representação de um trabalhador ideal (MENGER, 2005; LOACKER, 2013).

Apesar dos artistas serem atualmente beneficiários dessa sociedade que estimula a criatividade e a audácia, ao contrário da maior parte dos trabalhadores, eles são atingidos de maneira mais profunda pelas flutuações do mercado (BERMAN, 1987). Por trás das ideologias do lúdico, em um mercado supostamente harmônico e apoiado em valores ilustres de criatividade e inventividade, se ocultam aspectos reais de uma carreira profissional. (COLI, 2006). Por essa razão, necessita-se de análises que compreendam a dinâmica da esfera artística e que apontem suas contradições.

4. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 9ª Edição. São Paulo, Cortez, 2003.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentido do Trabalho:** ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- BANKS, M; GILL, R.; TAYLOR, S. (Ed). **Theorizing Cultural Work:** labour, continuity and change in the cultural and creative industries. Nova Iorque: Routledge, 2013.

- BENDASSOLLI, P. **Estudo Exploratório sobre Indústrias Criativas no Brasil e em São Paulo**. FGV. Rio de Janeiro, p. 95. 2007.
- BENDASSOLI, P. F. **Significado do Trabalho e Carreira Artística**. FGV. Rio de Janeiro, p. 44. 2009.
- BENDASSOLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **RAE**, v.51 n.2, p. 143-159, 2011.
- BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E.; GONDIM, S. M. Self-control, self-management and entrepreneurship in Brazilian creative industries. **Paidéia**, v. 26, n.63, p.25-33, 2016.
- BENDASSOLI, P. F.; WOOD, T. Jr.; KIRSCHBAUM, C.; CUNHA, M. P. e. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **RAE**, v. 49, n .1, p. 10-18, 2009.
- BENHAMOU, F. **A economia da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRAGA, W.D. Novas identidades para o novo mundo do trabalho através da Cultura: o velho mantra do capitalismo revisitado. **Eptic**, v.17, n.1, Jan., p.219-235, 2015.
- BRANT, L. **O Poder da Cultura**. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- CERQUEIRA, A. P. C. de,. **O Artista como trabalhador**. In: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX ENGELS – CEMARX. (2015: São Paulo). **Anais...** Centro de Estudos Marxistas. São Paulo: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX ENGELS, 2015.
- COLI, J. **Vissi d'arte por amor a uma profissão**: um estudo de caso sobre a profissão do cantor de teatro lírico. São Paulo: Annablume, 2006.
- DEJOURS, J. C. **A banalização da injustiça social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DEJOURS, J. C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista de Produção**. São Paulo, Universidade de São Paulo, v.14, n.3 pp. 27-34, Set/Dez. 2004.
- DEJOURS, J. C. Nouvelles formes de servitude et suicide. **Revue Internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du travail**, Paris, v.13, n 1, p. 53-73, 2005.
- DEJOURS, J. C. **Avaliação do trabalho submetida à prova do real**: Crítica aos fundamentos da avaliação. São Paulo: Blucher, 2008.
- DEJOURS, J. C. **Trabalho vivo**: Trabalho e emancipação (Tomo II). Brasília: Paralelo 15, 2012.
- DEJOURS, J. C. ABDOUCHELI, E. , JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. 1ª Edição. São Paulo: Atlas, 2014.
- DIAS, A. F.; DELLAGNELO, E. H. L. Práticas organizativas de grupos de cultura popular: das burocracias aos modelos alternativos de gestão. In: Marcelo Milano Falcão Vieira, Rosimeri Carvalho da Silva e Marcio Silva Rodrigues. **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010.
- FERREIRA, Mário C., MENDES, Ana M. “**Só de pensar em vir trabalhar já fico de mau humor**”: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos de Psicologia*, vol.6, n.1, p. 93-104, 2001.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). **A cultura na Economia Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- GAMEIRO, R.; MENEZES, M. F.; CARVALHO, C. A. Maracatu pernambucano: resistência e adaptação na era da cultura mundializada. In: CARVALHO, A., VIEIRA, M. M. F. (Org). **Organizações, cultura e desenvolvimento local**: agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife: EDUFEPE, 2003.
- GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

- HYDE, L. **A dádiva: com o espírito criador transforma o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- HOPE, S.; RICHARDS, J. Loving work: Drawing attention to pleasure and pain in the body of the cultural worker. **European Journal of Cultural Studies**, v.18, n.2, p. 117-141, Apr. 2015.
- JEFFRI, J.; THROSBY, D. Professionalism and the visual artist. **European Journal of Cultural Policy** 1, 99-108, 1994.
- KARTTUNEN, S. How to identify an artist? Defining the population for 'Status-of-the-Artist studies'. **Poetics**, 26, 1998, p. 1-19.
- LAZZARATO, M. Immaterial Labor. In: M. HARDT; P. VIRNO (ed.) **Radical Thought in Italy: A Potential Politics**. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 1996. p.133-147.
- LOACKER, B. Becoming 'culturpreneur': How the 'neoliberal regime of truth' affects and redefines artistic subject positions. **Culture and Organization**, Abingdon-UK, v. 19, n. 2, p. 124-145, 2013.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Lisboa: Avante, 1997.
- MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007a. p. 29-48.
- MENDES, A. M. Pesquisa em Psicodinâmica: A Clínica do Trabalho. In: MENDES, A. M. (org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007b. p. 65-87.
- MENDES, A. M.; Araújo, L. K. R. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho: o sujeito em ação**. Curitiba: Juruá, 2012.
- MENEZES, Michelle F.; GONÇALVES, Júlio César; GOULART, Sueli. Composição e características do campo organizacional dos museus e teatros da região metropolitana de Recife. In: CARVALHO, Cristina; VIEIRA, Marcelo M. F. **Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do observatório da realidade organizacional**. Recife: Edufepe, 2003.
- MENGER, P.-M. Are there too many artists? The "excess supply" issue: a measurement puzzle, an increasingly flexibility-driven functional requirement and an unavoidable mismatch effect in creative activities. **Proceedings of the International Symposium on Culture Statistics**. Montreal, 21-23 Out, 2002.
- MENGER, P.-M. Artists as Workers: Theoretical and methodological challenges. **Poetics**, 28, 2001, p. 1-19.
- MENGER, P.-M. **Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfose do Capitalismo**. Lisboa: Editora Roma, 2005.
- MERLO, A. R. C. Psicodinâmica do trabalho. In: JACQUES, M. da G. C.; CODO, W. (orgs). **Saúde mental & trabalho: leituras**. São Paulo: Vozes, 2002. p. 130-142.
- MERLO, A. R. C.; MENDES, A. M. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho**, v.12, n.2, p.141-156, 2009.
- POLANY, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- RAMOS, A. G. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação das riquezas das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RODRIGUES, M. S.; SILVA, R. C.; DELLAGNELO, E. H. L. O processo de empresarização em organizações culturais brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 8, n. 1, p. 66-85, 2014.

SELIGMANN-SILVA, E. **Saúde mental e trabalho** - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo SP, 2004.

SENNETT, R. **O Artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

THROSBY, D. **Economics and Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

THROSBY, D. Defining the artistic workforce: the Australian experience. **Poetics**, 28, p. 255-271, 2001b.

THROSBY, D. Disaggregated earnings functions for artists. In: GINSBURG, V.; MENGER, P.-M. (eds.), **Economics of the arts: Selected essays**, 331-346. Amsterdam: North-Holland, 1996.

TRANSFORM. **Producción cultural y prácticas instituyentes: líneas de ruptura en la crítica institucional**. Traficantes de Sueños: Madrid, 2008.